Daniela Braga
Empresária

A educadora de *bots*

TIAGO MIRANDA

Corria o ano de 2015, e Daniela Braga ainda não tinha passado dos primeiros dias como líder da Defined Crowd, quando fixa novo objetivo: vender a jovem empresa ao cabo de cinco anos com uma valorização de 250 milhões de dólares (€234 milhões). Chegada a 2023, a empresária não tem como esconder que o plano ficou por cumprir. "Mudei de ideias: já superei o recorde da mulher que trabalha com inteligência artificial (IA) que mais dinheiro levantou em rondas de investimento. Agora gostava de me tornar na mulher que mais investimento captou numa ida para a bolsa na área da IA", aponta.

A forma de sair da Defined Crowd não foi a única coisa que mudou. Depois de sediar a empresa na chuvosa Seattle, que também é a cidade da Costa Oeste dos EUA que alberga Microsoft e Amazon, a Defined Crowd mudou para Defined.ai — precisamente para que não houvesse dúvidas de que opera com IA (AI é a sigla de IA em inglês).

"Lancei a empresa porque havia um problema por resolver: quem garante a qualidade dos dados que alimentam a IA?", refere, quando já começam a surgir agentes de IA de grande capacidade de processamento, que precisam de ser alimentados com vastos volumes de dados para apresentar respostas sem intervenção humana.

Na CrunchBase, que é uma das referências para o empreendedorismo tecnológico, surgem estimativas que revelam que a Defined.ai poderá ter superado um valor máximo de 500 milhões de dólares (€469 milhões) em 2020 — mas essa estimativa não tem em conta o que aconteceu na pandemia. Qualquer empresário das tecnologias vê na marca dos mil milhões de dólares (€939 milhões), que está na origem do termo unicórnio, um objetivo a alcançar, mas Daniela nem refere se a Defined.ai já é unicórnio nem toma a métrica como absoluta: "Uma empresa pode ter chegado a unicórnio e passado um tempo deixar de o ser porque há flutuações de mercado", recorda.

Na UE, a nova legislação da IA entrou na reta final de negociações. Nos EUA, foi criada uma equipa de especialistas para assessorar o governo. E, em paralelo, surgiram notícias de sistemas de IA que monitorizam pessoas na China para penalizar ou premiar o comportamento registado nas ruas ou na internet, e em todo o Ocidente iniciou-se a grande invasão de *bots*. Ou melhor, a grande invasão de agentes de IA que dialogam com humanos, por texto ou fala, e produzem imagens, software ou cálculos enquanto vasculham a informação.

Para o aumento de capacidade dos *bots* contribuíram modelos de linguagem conhecidos pela sigla GPT, que têm no ChatGPT, da OpenAI, o caso mais conhecido, mas já estão a ser explorados por marcas como DeepMind, detida pela Alphabet (Google), a Meta (Facebook), a IBM e a Amazon. "Em 2010, a Microsoft estava a criar sistemas de reconhecimento de voz, mas talvez se tenha esquecido que a Google, a IBM e a Apple também estavam no segmento", recorda.

Chegada a 2023, a Microsoft seguramente que já perdeu as ilusões — e por isso, tornou-se parceira privilegiada da OpenAI, ao garantir 10% da criadora do ChatGPT, após um investimento de 10 mil milhões de dólares (€9,3 mil milhões). Antes disso, a produtora do Windows descontinuou a assistente digital Cortana que disponibilizava ao público.

Os tempos já são bem diferentes daqueles que Daniela encontrou na Microsoft que a levou a viver um ano na China e, mais tarde, a levou para Seattle, no tumultuoso final do consulado de Steve Ballmer, o gestor que ficou com a espinhosa missão de suceder ao mítico Bill Gates. Foi num ambiente de frenesim que acabou por sair da gigante do software em 2013, para uma passagem de dois anos na Voice Box, empresa bem mais pequena e discreta, que desenvolvia sistemas de reconhecimento de fala para a Samsung e a Toyota. "Aprendi muito na Microsoft. Aquele ambiente de grande empresa também foi importante para a minha capacidade de vendas", admite.

Todos os líderes de *startups* estão em permanente ação comercial — seja para vender um novo produto, seja para vender a empresa a investidores. Aos 34 anos, Daniela quer cumprir o desígnio, mas rejeita vender a alma ao diabo. "Modelos como os GPT precisam de muitos dados. E por isso vão à internet recolher esses dados que até podem estar públicos, mas têm também direitos de autor. Há que garantir a rastreabilidade dos dados, para evitar coisas como vimos no Facebook, com o objetivo de manipulação de eleições", avisa.

"Já superei o recorde da mulher que trabalha com inteligência artificial que mais dinheiro levantou em rondas de investimento", diz Daniela Braga

Sem doenças não haveria médicos, sem crime não haveria polícias, e sem fome possivelmente não haveria restaurantes. No tratamento de dados, a lógica do negócio é comparável: se não houvesse racismo, homofobia, machismo ou mentiras, a Defined.ai não teria negócio. Acontece que a distância entre o que se diz na Web e o que acontece na realidade é cada vez mais curta. "Sem rastreabilidade temos problemas de credibilidade, deixamos de poder distinguir verdade e mentira (na internet)", sublinha.

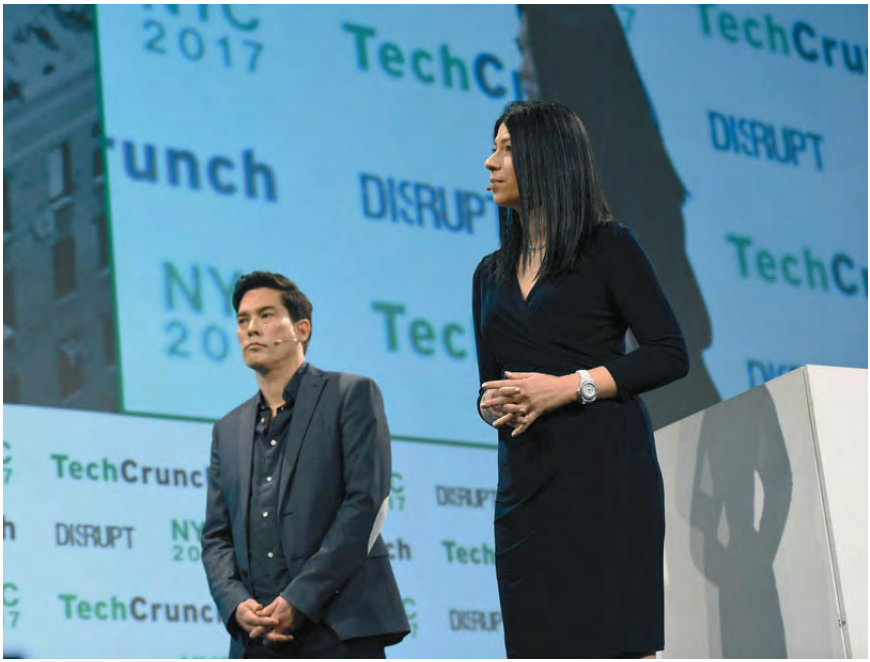
Nem todos os empresários podem vangloriar-se de tentar enriquecer ao mesmo tempo que melhoram o mundo, mas Daniela lembra que a defesa da democracia também passa pelo sucesso de empresas como Defined.ai. que eliminam preconceitos ao mesmo tempo que salvaguardam privacidade e fazem o registo de fontes. "Na internet não faltam preconceitos de género e raça. Se levarmos esses dados tal como estão para a IA, perpetuamos os preconceitos", recorda.

A empresária nortenha aponta ainda para outras ameaças que podem apanhar boleia das novas tecnologias. "A IA controla o conhecimento. E a democracia depende de quem controla o conhecimento. Desde a primeira revolução industrial que há empregos que se ganham e que se perdem com as inovações, mas o que me preocupa é quem controla o conhecimento", recorda.

Grandes empórios como Microsoft, Amazon, Google e Facebook têm na inovação o principal móbil de negócio. E por isso investem, regulamente, na compra das *startups* mais arrojadas. À semelhança do Congresso dos EUA, que já pôs em marcha inquirições com a iniciativa Break Up the Big Tech, Daniela Braga admite que chegou a hora de escrutinar o poder das grandes marcas tecnológicas.

"Torna-se difícil haver concorrência saudável quando sistematicamente as grandes marcas tecnológicas compram todas as *startups* inovadoras", refere a jovem empresária. "Aos monopólios políticos chamamos ditaduras. E os monopólios tecnológicos são um novo tipo de ditadura", acrescenta.

Com o previsível crescendo do uso de IA que escreve e faz cálculos, começam a surgir



NOAM GALAI / GETTY IMAGES

▲ Daniela Braga com Aya Zook em palco durante a Startup Battlefield da TechCrunch Disrupt, em Nova Iorque, em maio de 2017

alertas sobre os efeitos que a nova corrente pode ter na capacidade crítica das gerações vindouras. Em paralelo, segue o receio de que muitos idiomas possam ficar reféns. E é essa eventualidade que o consórcio Accelerat.ai, que é liderado pela Defined.ai, pretende combater, tendo como cenário a língua portuguesa. "O problema começa quando uma tecnologia impõe um idioma", descreve, lembrando o que já se vê na internet: "As pesquisas em inglês já produzem mais respostas que outros idiomas. Já há um bloqueio de outros idiomas", acrescenta.

Para se perceber a sensibilidade para a diversidade cultural que norteia Daniela Braga há que regressar à Linguística que a levou a ingressar na Universidade do Porto e haveria de a catapultar para um mestrado, e mais tarde para o doutoramento tripartido entre as Universidades do Minho, da Corunha e do Rio de Janeiro. Na altura, os cursos de linguística não contemplavam programação — mas Daniela Braga não receou aprender. A mistura de conhecimentos revelou-se providencial quando se tornou notório que os linguistas têm papel crucial na IA, mas não abre as portas do mundo perfeito: "Ainda deparei com preconceitos, porque não me reconheciam competências de engenharia. Cheguei a apanhar um colega que me perguntou se a equipa de engenharia me respeitava", responde.

A linguística é apenas parte do preconceito: "Uma mulher tem de tirar o doutoramento. Ser homem já é um doutoramento", diz em jeito de metáfora, antes da denúncia: "Sempre tive de provar mais (competências) que os homens para garantir investimento."

A reduzida percentagem de mulheres nas empresas de capital de risco pode justificar as diferenças de tratamento, mas Daniela não esquece as muitas mulheres que cursam ciências, matemáticas e tecnologias — e abandonam a carreira, porque o mercado de trabalho tende a encará-las como cuidadoras da família.

A líder da Defined.ai não renega o papel de mãe — e foi com a filha ainda bebé que emigrou para os EUA. Hoje, ambas são luso-americanas. Sem planos para regressar a Portugal, faz por acompanhar sempre as "questões atlânticas", sem perder de vista o que aprendeu durante o ano que viveu na China: "Há ali algo que veio do comunismo, mas há também solidariedade entre as pessoas. Não vejo a China como bicho-papão. Mesmo com o sistema de créditos sociais, as pessoas sabem ao que vão, e acabam por confiar no Governo. Em contrapartida, no Ocidente as pessoas cada vez confiam menos nos governos e algumas já nem vão votar." Nem todos os problemas se resolvem com IA.

Hugo Séneca